

Empiristas britânicos e as ideias abstratas*British empiricists and abstract ideas*

Mário Tito Ferreira Moreno*

Resumo: o artigo tem como função ampliar a discussão acerca das ideias abstratas entre os filósofos empiristas John Locke, George Berkeley e David Hume. É possível notar uma crítica de George Berkeley em seu *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (1710) a John Locke com relação à temática dos termos gerais e das ideias abstratas tratadas em seu *Ensaio acerca do entendimento humano* (1689). Tal crítica feita por Berkeley parece se consolidar no *Tratado da natureza humana* (1738-1739) de David Hume que endossa na primeira parte de sua obra um texto relacionado aos termos gerais e às ideias abstratas. Para melhor compreender a discussão acerca da temática, o artigo será dividido basicamente em três partes principais antes de sua conclusão: 1) De que forma Locke compreende abstrações e os termos gerais; 2) o ataque de George Berkeley e sua concepção de ideias abstratas e termos gerais, e por fim 3) a posição de David Hume corroborando com a crítica de Berkeley e apresentando uma solução para os problemas da crítica de George Berkeley.

Palavras-chave: Berkeley, epistemologia, empirismo, filosofia, Hume, Locke, epistemologia.

Abstract: the article aims to broaden the discussion about abstract ideas among the empiricist philosophers John Locke, George Berkeley and David Hume. It is possible to notice a criticism of George Berkeley in his *Treatise on the principles of human knowledge* (1710) to John Locke in relation to the theme of general terms and abstract ideas dealt with in his *Essay on human understanding* (1689). This criticism by Berkeley seems to be consolidated in David Hume's *Treatise of human nature* (1738-1739), which endorses in the first part of his work a text related to general terms and abstract ideas. To better understand the discussion on the subject, the article will be basically divided into three main parts before its conclusion: 1) How Locke understands abstractions and general terms; 2) the attack by George Berkeley and his conception of abstract ideas and general terms, and finally 3) the position of David Hume corroborating the criticism of Berkeley and presenting a solution to the problems of the criticism of George Berkeley. *no abstract*)

Keywords: Berkeley, empiricism, epistemology, Hume, Locke, philosophy.

Introdução

Hume possui uma posição muito parecida com a do bispo Berkeley no que se refere às ideias abstratas, entretanto em ambos os casos a discussão sobre o tema se dá a partir de uma crítica ao que John Locke compreendia pelo mesmo termo, sendo assim

* Doutorando em filosofia pelo PPGLM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

acredito que seja não só enriquecedor como esclarecedor expor, mesmo que de maneira breve, como cada um dos dois autores (Locke e Berkeley) compreendiam as ideias abstratas, para então chegar até a posição de Hume sobre o tema que é muito relevante para o funcionamento da arquitetura empirista proposta por Hume em sua pretensa ciência do homem. Basicamente as obras dos empiristas britânicos possuem graus de similaridade evidentes, pois tratam das experiências como construtoras dos nossos conhecimentos acerca do mundo exterior, mas existem divergências entre esses filósofos e tais discordâncias não são nada sutis. O conceito de *abstração* é fundamental para a construção de uma filosofia empirista que depende exclusivamente dos sentidos para produzir conhecimento. Além disso, compreender como esses autores tratavam do tema relativo às abstrações é essencial para que seus projetos epistemológicos se tornem claros.

Como funcionam as ideias abstratas em John Locke?

Locke não tem no conceito de ideia a mesma definição encontrada nas obras de Hume. De maneira bem resumida não é nenhum absurdo dizer que Locke entende por ideia o que Hume entende por percepções¹. Em seu *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* Locke apresenta um combate aos padrões racionalistas e, assim como Hume, atribui à experiência a nossa fonte de conhecimento. Mas o que nos interessa na presente seção são as passagens nas quais o autor trata das ideias abstratas.

Locke defende que quando as sensações repetidas fixam ideias em nossa memória atribuímos signos para designar/expressar tais ideias para outras pessoas e esses signos ou são tomados por empréstimo de alguém que já os usa para designar a mesma ideia, ou podem ser criados (no caso das crianças principalmente, que às vezes atribuem determinados nomes não costumeiros a objetos que convencionalmente já possuem uma nomeação)².

Após explicar o processo nominativo das ideias, Locke afirma que usamos as palavras para representar externamente nossas ideias, contudo cada ideia que temos é

¹Na obra de Hume as percepções são divididas em: Impressões e Ideias.

²É pertinente salientar que Locke foi um dos primeiros filósofos da modernidade que se debruçou sobre as questões da filosofia da linguagem, no livro III do Ensaio, na seção “*Sobre as Palavras*”. As ideias segundo Locke consistem em signos mentais das próprias coisas enquanto as palavras seriam signos das ideias. Portanto as palavras quando enunciadas evocariam em quem as ouve uma ideia correspondente. Por conseguinte, a linguagem se apresentaria como uma entidade da mente que seria constituída anteriormente. Tal filosofia da linguagem só sofreria contestações a partir do surgimento da filosofia analítica da linguagem.

particular e se fosse o caso de atribuir um nome específico a cada caso particular o número de nomes seria inesgotável e, para que isso seja evitado, a mente transforma os termos particulares em gerais e considera apenas a ideia separando-as de todas as circunstâncias de existências reais (como espaço, tempo, etc.). Então podemos entender que abstração para Locke consiste em se tomar ideias de seres particulares elegendo-as como representantes gerais de todos os seres de mesmo gênero, e os signos aplicados a tais ideias seriam gerais e representariam tudo relacionado a elas. A tese funciona da seguinte maneira: o entendimento a partir de uma ideia de um ente particular com um nome em anexo o torna padrão, ou seja, generaliza o termo para outras existências reais que se pareçam com o parâmetro do geral. E é justamente na capacidade de produzir ideias gerais que nos diferenciamos dos animais, segundo Locke.³ Segundo o autor somos capazes de moldar sons articulados e atribuir signos gerais para ideias universais, todavia é possível que um homem que não tenha o órgão responsável pela emissão de sons funcionando de modo pleno consiga construir signos gerais da mesma maneira apenas alterando os recursos sensoriais.

Quando a explanação acerca dos termos gerais se dá, Locke expõe sua hipótese ilustrando nossa incapacidade de chegar a tais termos caso nomeássemos cada coisa particular, não conseguindo, então, encontrar naturezas gerais representadas por termos/palavras. Muito embora as palavras sejam usadas como significação de ideias gerais, nesse contexto as palavras vão além: são capazes de representar mais de um indivíduo e essa transição se dá em nossa mente do particular para o geral de maneira gradual. A mente precisa confeccionar tais ideias gerais a partir da experiência com as ideias particulares.

A crítica de George Berkeley acerca das ideias abstratas lockeanas

Em seu *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (1710) George Berkeley tenta refutar algumas definições postuladas por John Locke, mas aqui cabe a análise sobre o conceito das ideias abstratas, e essas críticas/refutações podem ser encontradas logo na introdução da obra. Seria muito válido analisar basicamente três

³“Penso, portanto, que nisso se discriminam homens e animais como espécies. Mas sói reconhecer que, ao contrário do que querem alguns os animais não são meras máquinas, mas têm ideias. Além de serem em geral dotados de senso, parece-me evidente que alguns raciocinam, ainda que somente com ideias particulares de sentidos.” LOCKE, 2012, p. 159-160.

parágrafos dessa obra em que o autor dá o panorama e problematiza a posição lockeana sobre as ideias abstratas. Tentarei aqui observar essas demarcações de Berkeley seguindo a ordem desses importantes parágrafos que são os de número seis, doze e dezesseis.

No sexto parágrafo, o bispo Berkeley faz uma espécie de diagnóstico do problema: o abuso da linguagem, que segundo o próprio autor é a principal fonte de confusão entre os pensadores. A opinião vigente (com influências lockeanas) de que o espírito pode construir ideias abstratas ou noções de coisas é equivocada, porque nunca foram apresentados argumentos plausíveis a favor da afirmação de que somos capazes de formar tais noções de coisas/ideias abstratas. Nesse momento, parece que Berkeley encontra a questão pela qual ele se colocará contra. Apresentar uma objeção à tese filosófica que defende a existência das ideias abstratas será o objetivo de Berkeley.

No décimo segundo parágrafo da introdução, notaremos Berkeley admitindo a existência das ideias gerais para tentar dar uma solução para o problema da comunicação, ou seja, o autor vai tentar apresentar uma maneira de possuímos ideias gerais sem que seja preciso apelar para o abstracionismo. A crítica de Berkeley se dá apenas ao que concerne às ideias gerais abstratas, porém apenas ideias gerais são admitidas e defendidas pelo autor, sendo mais preciso: Berkeley admite que existem termos gerais, mas defende que tais termos são particulares e não são concebidos pelo intelecto a partir de abstrações. Logo, ideias gerais existem e ideias gerais abstratas, não. A solução de Berkeley não poderia ser mais empirista, pois, segundo o autor, uma ideia particular considerada em si mesma se torna geral quando passa a representar, isto é, se colocar no lugar de todas as outras ideias particulares do mesmo tipo.

Exemplificando a solução de Berkeley, poderia dar um exemplo: imaginemos um tipo de carro β e nessa espécie existem diversos carros particulares: o carro do meu amigo (β^1), o carro da minha mãe (β^2), o carro do meu vizinho (β^3) e assim por diante, tendo sempre casos particulares. Desse ponto é possível que escolhamos um dos casos particulares ($\beta^1, \beta^2, \beta^3 \dots \beta^n$) para representar qualquer ideia de carro daquela espécie que eu tenha. Contudo, quando o autor diz “representar”, ele está se referindo a um dos integrantes do grupo β que representará todos os outros da mesma espécie. Berkeley não está afirmando que β^3 , por exemplo, representa o grupo inteiro, mas sim que β^3 está representando qualquer um dos β^1 ou β^2, \dots . Todavia qualquer outro poderia ser o representante. De fato, eu poderia mudar essa referência e representar com outro particular. O problema de Berkeley está justamente em explicar como se forma esse conjunto de “mesma espécie” ou de ideias “semelhantes”. A posição de Hume trará uma

solução para essa generalização de Berkeley e será a partir da associação de ideias por intermédio do princípio de semelhança Hume teria essa solução para a questão de Berkeley, na solução humeana o entendimento conseguiria notar essa semelhança entre os particulares e então poderíamos eleger apenas um como seu representante momentâneo. Então temos nesse parágrafo doze a definição de termo geral (que seria muito similar às ideias gerais de Locke) que nos explica que termo geral é uma palavra que em si mesma é particular e é usada para representar, isto é, ser sinal de qualquer ideia particular do mesmo tipo.

No parágrafo dezesseis, finalmente Berkeley tenta dar uma solução para o problema do alargamento do conhecimento. A motivação lockeana de recorrer às ideias abstratas foi a de poder aumentar o nosso poder de conhecimento. Berkeley, entretanto, se propõe a achar uma saída para que possamos obter conhecimentos universais sem ter a necessidade de apelar para as ideias abstratas. A pergunta chave para tal questão seria: como podemos fazer demonstrações? Se os triângulos, por exemplo, são inúmeros (,) como posso fazer demonstrações de todos? Locke responderia que deveríamos fazer através de uma ideia abstrata, contudo Berkeley dará uma resposta alternativa à questão.

Ao ter feito demonstrações em um triângulo particular específico sobre suas propriedades matemáticas é notável que as particularidades (como o tamanho ou se é escaleno, equilátero, isósceles ou reto) do triângulo não entram na minha demonstração, pois as mesmas regras de explicação e compreensão da propriedade de um triângulo se aplicaria a outros de mesma natureza, e ao rever a minha demonstração percebo que ela seria válida para qualquer triângulo particular. Berkeley tenta explicar como podemos raciocinar/pensar geometricamente sem ter uma ideia abstrata para ser contemplada/observada. Ele alegará que, em uma demonstração, podemos chegar a uma conclusão geral mesmo que, em algumas instâncias do raciocínio, tenhamos a ideia de um triângulo particular sobre o qual raciocinamos. Logo, se eu demonstrei um determinado teorema sobre um triângulo particular, como por exemplo: a soma de seus ângulos é igual a cento e oitenta graus, então eu consigo demonstrar o mesmo teorema para todos os outros semelhantes, não se levando em consideração as peculiaridades de tais triângulos, e então meus resultados valerão para todos os outros triângulos. E se o opositor discordar dessa máxima, que ache um triângulo no qual a soma dos ângulos não seja cento e oitenta graus.

A posição de Hume no que se refere às ideias abstratas

Na seção derradeira do livro primeiro do *Tratado da Natureza Humana* encontraremos a posição de Hume perante as ideias abstratas e sua discussão em relação a seus antecessores Locke e Berkeley. O autor posiciona-se a favor do Bispo Berkeley e irá alargar a discussão sobre o tema de maneira elegante e única. O cerne da questão após a discussão de Berkeley sobre sua posição relativa às ideias abstratas/termos gerais seria desvendar se tais ideias/termos são concebidos de maneira geral ou particular.

Hume aponta nessa seção o dilema determinante para a explicação das ideias abstratas e que foi motivo de tanta especulação por parte dos outros pensadores. O dilema consiste em responder como uma ideia abstrata de cachorro, por exemplo, representaria cachorros de todos os tamanhos? Só existem duas maneiras: representar todos os tamanhos e qualidades possíveis simultaneamente ou não representar nenhuma qualidade/tamanho particulares. A primeira proposição (representar todos os tamanhos/qualidades) se faz impossível porque acarretaria uma capacidade mental infinita, logo nos sobra ficar com a segunda proposição (que as ideias abstratas não representam nenhuma qualidade/tamanho). O que Hume se propõe é fazer algo similar a Berkeley só que de forma mais detalhada, a saber, o objetivo do autor é desconstruir tal proposição apontando seus problemas. Para tal tarefa o autor tentará provar dois passos: 1) É impossível conceber qualidade/quantidade sem formar uma noção precisa de seus graus. 2) Se faz necessário mostrar que muito embora a nossa capacidade mental seja finita, podemos formar de uma vez noções de todos os graus (seria interessante esclarecer melhor o que entende Hume por “grau” de quantidade ou qualidade) possíveis de quantidade/qualidade, mesmo que de maneira imperfeita.

A análise do primeiro passo, que é determinar que a mente é incapaz de formar qualquer noção de quantidade/qualidade sem formar uma noção precisa dos seus graus, será provada em três argumentos pelo autor. O primeiro argumento consiste em partir de um dos princípios da natureza humana em Hume, a saber, o princípio de separabilidade, no qual podemos observar que objetos diferentes são distinguíveis e que todos os objetos distinguíveis são separáveis tanto pelo pensamento quanto pela

imaginação⁴. É válido ressaltar que no sentido inverso essas proposições também funcionam. O que o autor faz é sugerir um exame das abstrações feitas nas ideias gerais e posteriormente questionar se elas são separáveis/distinguíveis das partes vitais (pouco claro) das ideias. Por exemplo, é mais do que evidente que o comprimento de uma linha não é diferente nem distinguível da própria linha, assim como um grau determinado de uma qualidade não é distinguível dessa qualidade, ou seja, essas ideias sempre são conjugadas na mesma concepção. Sempre que pensarmos em uma linha ela surgirá na mente com um grau preciso de qualidade e de quantidade e podemos representar outras mil linhas, no entanto sempre com graus de qualidade e quantidade bem definidos.

Hume defende no segundo argumento desse primeiro passo que nenhum tipo de impressão pode ser evidente à mente sem que tenha um determinado grau de qualidade e quantidade. É possível também que haja alguma confusão envolvendo as impressões, entretanto tal confusão seria oriunda de alguma fraqueza/instabilidade dos sentidos, pois a mente necessita (para receber a impressão real) dos graus dessa percepção, caso contrário, cairíamos em contradições. É razoável, portanto, concordar que se as nossas ideias são cópias mais amenas de nossas impressões, que por sua vez possuem graus de qualidade e quantidade determinados, então elas (ideias) também possuem graus de qualidade e quantidade determinados.

O terceiro argumento trata de um princípio, que segundo Hume, geralmente fato é aceito na filosofia. Tal princípio defende que tudo na natureza é individual, pois é absurdo conceber um objeto que não possua proporções precisas em sua existência. Dizer isso significa dizer que é impossível formar a ideia de um objeto que não tenha graus de qualidade/quantidade definidos, sendo assim temos ideias limitadas. Com essa afirmação, o autor chega à formulação da tese que nos diz que as ideias são individuais, embora se tornem gerais dependendo do que representam. Assim, o autor mantém a posição de Berkeley segundo a qual a imagem presente à mente é apenas a de um objeto particular que serve como representante para os outros objetos similares. E assim podemos encerrar a análise do primeiro passo que pretendia provar que não é possível que se conceba qualidade/quantidade sem que se forme uma noção precisa de graus.

⁴ Podemos notar o princípio da separabilidade logo no segundo parágrafo do *Tratado*, quando o autor diferencia percepções simples de complexas. As primeiras não podem ser divididas nem separadas, as segundas podem. O princípio da separabilidade nos permite dizer que tudo que possa ser separável é separável.

O segundo passo para provas que as ideias abstratas não podem representar nenhum tamanho ou qualidade particular será tratar da capacidade finita da mente. O nosso aparato cognitivo, mesmo que limitado, é capaz de formar de uma vez todos os graus possíveis de quantidade e qualidade. Mesmos que esses graus não estejam concebidos de maneira perfeita, mas nos são úteis para significar coisas e fazer projeções imaginativas. Nessa etapa da análise é possível notar a saída apontada por Hume para o problema que Berkeley encontra em explicar objetos da “mesma espécie” e essa saída se dá pelo princípio associativo da semelhança, isso fica claro nas palavras do próprio autor:

Quando encontramos uma semelhança entre diversos objetos que se apresentam a nós com freqüência, aplicamos a todos eles o mesmo nome, não obstante as diferenças que possamos observar em seus graus de quantidade e qualidade, e não obstante quaisquer outras diferenças que possam surgir entre eles. Após termos adquirido tal costume, a mera menção desse nome desperta a ideia de um desses objetos, fazendo que a imaginação o conceba com todas as suas circunstâncias e proporções particulares⁵

A palavra “carro”, por exemplo, pode ser aplicada a inúmeros objetos diferentes, contudo somente o nome “carro” não é capaz de despertar a ideia de todos os carros possíveis e conhecidos. No entanto, tal palavra nos desperta o costume que obtivemos ao observar inúmeros carros e é óbvio que não podemos ter todos os indivíduos catalogados em nossa mente. Todavia nos mantemos prontos para considerar qualquer carro particular em questão. A palavra nos rememora e nos traz à tona a lembrança de um carro particular, ao passo que a própria mente aliada ao hábito nos sugere o indivíduo de maneira direta e sem nos gerar muita confusão.

A mente humana percorre inúmeros indivíduos da “mesma espécie” com a finalidade de compreender o seu sentido para então manifestar o que espera desse termo geral. E por mais que o termo geral seja empregado para representar um grupo, ele se individualiza, entretanto não se limita completamente em nossa imaginação. Por conseguinte, se eu tenho um conjunto β de cachorros, posso usar um particular desse conjunto como termo geral, por exemplo, o cachorro da minha mãe β^1 . Todavia, posteriormente, posso representar esse grupo com outro cachorro particular, o meu cachorro β^2 , por exemplo. O que quero dizer com isso é que a ideia se conserva particular

⁵HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. São Paulo: UNESP, 2009. P.44.

em sua natureza, mas geral por tudo que representa. Em última instância, essa ideia só se torna geral quando a vinculamos a um termo geral/habitual.

Conclusão

Hume, como bom empirista, concorda que é quase impossível dar explicações às nossas operações mentais e que a única coisa que podemos fazer é procurar uma explicação satisfatória com base na experiência/analogia. Em quatro reflexões o autor deixou isso um tanto mais claro. Observemos.

Na primeira reflexão, Hume aponta que não possuímos ideias precisas de números elevados, entretanto não notamos essas imperfeições em nossos raciocínios usuais, nos quais utilizamos frases contendo números/quantidades que nossa imaginação não consegue mensurar precisamente. Mas a ideia dos decimais, em última instância, está presente para representar tais números. Na sequência, em sua segunda reflexão, o autor trata de determinados hábitos que podem ser despertados por uma palavra, por exemplo: se não nos lembramos da letra de uma música inteira, nossa memória pode vir à tona com apenas uma frase da canção, caso alguém a enuncie. Em sua terceira reflexão, são abordadas algumas ideias que ficam em nossa mente de maneira menos definida, mas se alguém disser algum absurdo sobre elas, logo nos despertaria um desconforto/confusão. Ideias como igreja, governo, negociação, conquista são exemplos de tais palavras. O exemplo usado por Hume diz que se usarmos uma frase do tipo: “Na guerra os mais fracos sempre recorrem à *conquista*”, quando se usa a palavra *conquista* ao invés da palavra *negociação* notamos que a frase soa um pouco estranha. Na última das quatro reflexões é ressaltada a capacidade da imaginação de sugerir termos gerais ao decorrer dos raciocínios. É como se a totalidade do mundo se apresentasse em um arquivo quando se sugere uma ideia e a mente escolhesse a mais adequada para representá-la.

Mas além dessas quatro reflexões reforçarem a tese de Hume, o ponto mais importante dessa seção é ressaltar a posição do autor referente aos termos gerais que, segundo Hume, são particulares em natureza e apenas o hábito faz com que eles se tornem gerais (representando uma infinidade de outras ideias da mesma natureza). E para finalizar a discussão acerca dos termos gerais/ideias abstratas em Hume seria ilustrativo mencionar o exemplo dos cubos e globos de mármore.

No exemplo dos globos e cubos de mármore brancos e pretos de Hume o ponto principal que deve ser destacado é o fato de que não se faz possível desassociar o objeto

como um todo. Por exemplo, quando olhamos um globo de mármore branco temos a impressão dele inteiro e não de suas características de formas isoladas. Todavia, quando nos apresentam em seguida um globo de mármore negro e um cubo de mármore negro seria mais fácil fazer a distinção das características similares e conseguiríamos notar as semelhanças do que antes consideraríamos indissociável. Com a prática, segundo o autor, começamos a fazer uma distinção de razão, uma espécie de análise objetiva que significa dizer que consideramos o objeto como um todo (tanto a cor quanto a forma), mas também conseguimos enxergá-lo sob diferentes perspectivas. Nesse caso, quando queremos considerar a forma do globo não podemos ignorar sua cor de modo nenhum, pois isso geraria uma impossibilidade. Todavia não podemos perder de vista a semelhança do globo de mármore branco com os outros globos de cores diferentes.

Após todas as análises feitas nessa seção, na qual abordamos o pensamento de três importantes pensadores chegamos ao parecer humeano sobre as ideias abstratas. E esse parecer se contrapõe a tese lockeana e ao mesmo tempo faz um estudo um pouco mais detalhado da crítica de Berkeley às ideias abstratas. O que nos sobra dessa análise é a ideia de que as abstrações segundo a perspectiva de Locke são equivocadas para Hume, que se justifica com o argumento de que sempre que pensamos em um representante para um determinado grupo de ideias, estamos elegendo um termo geral que é particular e finito tendo qualidades e quantidades muito bem definidas, não podendo assim dar conta de uma ideia quase platônica de ente que represente de maneira abstrata todos os membros de um determinado grupo.

Referências bibliográficas:

BERKELEY, G. *Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano*. São Paulo: Abril, 1973.

HUME, D. *Investigação sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Abril, 1973.

HUME, D. *Tratado da Natureza Humana*. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

LOCKE, J. *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

NORTON, D.; TAYLOR, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hume*. 2a. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.